

LUTO INFANTIL: O PAPEL VITAL DA PSICOLOGIA E DA FAMÍLIA NO ENFRENTAMENTO¹

Simone dos Reis²

Cássia Maria Tasca Sartori³

RESUMO:

O presente estudo teve como objetivo geral investigar, discutir e compreender o luto infantil, considerando a fase de desenvolvimento, bem como a importância da família frente à angústia infantil diante da experiência de perda. Os objetivos específicos consistem em aprofundar o conhecimento acerca do desenvolvimento infantil, relacionando-os com a experiência de perda; analisar o papel da família diante do processo de enlutamento da criança; estender conhecimentos nas possíveis atribuições da psicologia e da importância do brincar na clínica para auxiliar na elaboração do luto infantil. A pesquisa realizada é bibliográfica de cunho exploratório com o tema luto infantil, desenvolvimento infantil, seus efeitos no cotidiano destes e seus familiares próximos, e como a psicologia pode intervir positivamente na elaboração desse luto. A busca por estudos sobre o tema se deu através de Bancos de Dados digitais, como: Google Acadêmico, SciElo e Pepsic. Para isso, foram selecionados artigos e textos que incluíam no seu título algum dos seguintes descritores e suas combinações entre: "luto", "luto na infância", "desenvolvimento infantil", "família", "psicologia". Como resultado o estudo proporciona um maior entendimento sobre relação do processo de elaboração do luto infantil, seu impacto diante a perda, e a dificuldade da família em abordar o tema, como também demonstrar, de forma efetiva, qual o papel da psicologia na ajuda desse enfrentamento. Para tanto, este estudo buscou aferir a importância da ciência da psicologia e como essa ciência pode contribuir na qualidade de vida das crianças e de seus familiares.

Palavras-chave: Luto. Luto infantil. Psicologia. Família

CHILDHOOD BEREAVEMENT: THE VITAL ROLE OF PSYCHOLOGY AND THE FAMILY IN COPING

ABSTRACT:

The general aim of this study was to investigate, discuss and understand child bereavement, taking into account the developmental stage, as well as the importance of the family in dealing with children's anguish at the experience of loss. The specific objectives are to deepen knowledge about child development, relating it to the experience of loss; to analyze the role of the family in the child's bereavement process;

¹Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa do Desenvolvimento Humano. Recebido em 18/10/2023 e aprovado, após reformulações, em 10/11/2023.

²Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: simonereisjf02@gmail.com.

³Mestre em Psicanálise pela PUC/MG (2006), e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: cassiasartori@uniacademia.edu.br.

to extend knowledge of the possible attributions of psychology and the importance of play in the clinic to help with the development of child bereavement. The research carried out is bibliographical and exploratory in nature, with the theme of child bereavement, child development, its effects on the daily lives of children and their close family members, and how psychology can intervene positively in the development of this bereavement. The search for studies on the subject was carried out using digital databases such as Google Scholar, SciELO and Pepsic. For this purpose, articles and texts were selected which included in their title any of the following descriptors and their combinations: "bereavement", "bereavement in childhood", "child development", "family", "psychology". As a result, the study provides a greater understanding of the relationship between the process of developing childhood bereavement, its impact in the face of loss, and the family's difficulty in addressing the issue, as well as effectively demonstrating the role of psychology in helping to cope. To this end, this study sought to assess the importance of the science of psychology and how this science can contribute to the quality of life of children and their families.

Keywords: Bereavement. Childhood bereavement. Psychology. Family

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta entender de que maneira a psicologia pode contribuir para aliviar os fatores estressores presentes no processo de enlutamento infantil, respeitando as fases de desenvolvimento, as subjetividades, todo seu aspecto social, emocional, físico, no contexto familiar para que a ajuda seja feita de forma efetiva. O luto está acompanhado da quebra de conexão que é experimentada como abandono, desenvolvendo ansiedade, isolamento, afastamento, separação e medo. A maneira que a criança vivencia o luto está ligada aos aspectos familiares que envolvem o tipo de dependência emocional, pois, a perspectiva de elaboração do luto se dá no sentido da desvinculação das ligações afetivas com o objeto perdido (Bowlby, 2004a).

A separação por morte configura-se um potencial estressor para a criança, colocando em risco sua segurança e sobrevivência emocional. Somando a isto, o fato desta estar inserida em um grupo familiar que, pelo impacto do evento, tende a também se encontrar fragilizado, essas questões torna o luto infantil um tema complexo que merece ser aprofundado. Conhecer e entender o assunto se torna essencial nas implicações da morte, bem como orientar familiares na busca por ajuda psicológica e buscar fontes de apoio para as crianças enlutadas (Franco; Mazonra, 2007).

A justificativa se dá pelo entendimento de que maneira a psicologia contribui para aliviar os fatores estressores presentes no processo de enlutamento infantil, respeitando as fases de desenvolvimento, observando o papel da família frente à angústia infantil diante da experiência de perda. Para atingir os objetivos, o tipo de pesquisa utilizado é bibliográfico, na busca de argumentos que permitam considerar as possibilidades e contribuições no processo de enlutamento infantil investigando, discutindo e compreendendo o luto. Além disso, aponta o papel da família diante do processo do enlutamento da criança, identificando e estendendo conhecimento nas atribuições e recursos da psicologia para auxiliar na elaboração do luto. A pesquisa oferece oportunidade de ganhar cobertura abrangente do fenômeno em estudo (Gil, 2008).

2 A MORTE E O LUTO

A morte é vista como um tabu, se constitui como um acontecimento pavoroso e medonho e, quanto mais a ciência avança, mais se nega a realidade da morte (Kubler-Ross, 1998). A noção da morte para a criança engloba uma dimensão sociológica e genética. No plano sociológico, essa dimensão deve ser vista em duas óticas - a mente da criança, e a maneira pela qual a morte é apresentada a ela pelo outro (Marcelli, 1998). Considerando que a morte é um evento ligado à vida, não é estranho que as pessoas sintam medo dessa jornada final, com isso, a preocupação com tal fato não deveria preocupar, por fazer parte da vida. (D'Assunção, 1999).

Mesmo sabendo que a morte é inevitável, este conhecimento nem sempre está presente, criando o paradoxo da morte inesperada. Em casos extremos, a morte pode penetrar tão profundamente nas vidas das pessoas, que se torna parte das suas vidas. Encarar a perda como destino, esconder emoções, abandonar a dor e apontar a possibilidade de crescimento diante dela pode ser uma forma de negar as emoções que a morte causa e não sofrer. Sabe-se que a expressão das emoções nessas ocasiões é a base para o desenvolvimento do processo de luto (Kovács, 1992).

Ainda há uma dificuldade da comunicação intercultural da morte, pois a maioria das famílias estabelece um acordo de luto silencioso com a intenção de não provocar ainda mais sofrimento. O efeito da perda causa mudanças imediatas e de longo prazo na família, bem como mudanças significativas no seu mundo assumido. A princípio,

há uma perturbação na vida cotidiana e a família precisa aprender que ela necessita de assistência nesse processo de readaptação (Ozório; Valle, 2009).

O luto é uma experiência singular, pois depende dos elementos internos e externos da pessoa. É uma experiência dolorosa que acarreta perda de interesse e diminuição da capacidade de investir afeto em alguma coisa ou em alguém, ou seja, é um processo que envolve tarefas referentes à reestruturação da identidade diante de uma ruptura de vínculo significativo (Aguiar, 2022). Paraízo (2009) define o luto como um sentimento de dor provocado por uma ausência significativa, seja ela real ou simbólica, como a morte de uma pessoa amada. Alguns definem o luto como uma onda de dor e sofrimento, acompanhada de mágoa, medo, culpa, solidão e desespero que envolve a pessoa quando perde algo importante em sua vida. Ao mesmo tempo, quem perde experimenta a tristeza de não ter nada para fazer e enfrentar o desafio de se adaptar a uma nova situação.

Kubler-Ross (1998) descreve a experiência da morte em cinco estágios. Negação, se manifesta como uma defesa, onde a pessoa se nega a acreditar no que aconteceu e tenta não entrar em contato com a realidade, essa fase é de dor intensa em que é preciso lidar com a ausência e falta. Raiva, estágio em que há sentimento de revolta com o mundo e com todos. O indivíduo não se conforma com o que está passando, quando consegue se conectar com a realidade e se dá conta que não há possibilidade de reverter a situação, ele sente muita raiva. Barganha é o começo de uma fase de negociação e promessas na tentativa de aliviar a dor e buscar soluções possíveis para sair daquela realidade. Depressão é considerada uma fase duradoura, onde a pessoa se isola do mundo externo por se considerar impotente e triste. O último estágio é o de aceitação, onde o indivíduo consegue enxergar a realidade da forma que é e aceitá-la.

Já o autor Bowlby (2004b) descreve os estágios em quatro fases. A fase do choque tem duração de algumas horas ou semanas, e pode ser acompanhada de manifestações como raiva ou desespero. Nessa fase, a pessoa se sente chocada, pois ainda não tem a capacidade de aceitar a notícia de perda. A fase de desejo e busca da figura perdida tem a duração de meses e pode durar até anos, esse é momento no qual se começa a registrar a realidade da perda, causando crises de desânimo e aflição. A fase de desorganização e desespero é um momento em que se reconhece a imutabilidade da perda e que não se poderá, de fato, recuperar a pessoa

perdida. Por fim, a fase de alguma organização, quando há uma reorganização da depressão e da desesperança, onde se consegue ter uma tolerância às mudanças sofridas e, com isso, a pessoa torna possível o investimento afetivo em novos objetos.

2.1 O PROCESSO DE LUTO NA INFÂNCIA

Para Mâle *et al.* (1979), quando ocorre o luto, a criança vivencia uma série de provocações, cujos fatores mais traumáticos são difíceis de identificar, como separação, depressão e abandono do círculo social. O luto é agravado pela tentativa de esconder a morte da criança, mesmo que a criança a perceba em milhares de detalhes que alimentam os fantasmas assombrosos e a sua culpa. É difícil saber se a morte foi vivenciada ou não, porque foi escondida ou até mesmo cancelada pela criança, com isso, a memória se dissolve em tristeza.

A morte de uma pessoa querida é difícil, inclusive, para crianças. Por isso, quando ocorre uma morte na família, é importante que alguém a qual a criança tenha confiança conte a ela de forma clara, simples e direta. Por mais difícil que seja, não há nenhum problema de a criança ver os pais ou qualquer outra pessoa da família chorando pela perda (Morin, 1997).

Nas sociedades ocidentais é pouco provável que as crianças estejam presentes no momento da morte e não é incomum que tomem conhecimento disso muito mais tarde e, mesmo assim, muitas vezes de forma enganosa. Com isto em mente, não é surpreendente que as reações da criança sejam, muitas vezes, desproporcionais ao que aconteceu (Bowlby, 2004b).

Torres (2002) diz que o não falar sobre a morte com crianças acarreta problemas no seu desenvolvimento, os quais podem ser manifestados quando ela vivencia uma experiência de perda e luto, ainda mais ao se tratar de um dos genitores. A falta de informação colabora para que a criança crie conceitos sobre a morte, o que possibilita uma visão distorcida da mesma, causando temores e culpa.

Kubler-Ross (1998) refere que a reação à morte para a criança vai depender de como elas foram criadas antes do momento da perda, pois, se os pais têm medo da morte, acabam poupando os filhos das situações de perda significativas, como, por exemplo, de um bichinho de estimação, atitudes que, muitas vezes, geram problemas para criança. Segunda a autora, o que pode ajudar a criança a amadurecer e crescer

diante da situação da morte é permiti-las participar das conversas, dos medos e de todos os rituais decorrentes da morte.

Kovács (1992) assinala que a origem da vida e da morte está presente na criança, principalmente no que diz respeito à separação definitiva do corpo. Ela tem capacidade de observar e quando o adulto evita ou inventa falar sobre o assunto da morte com ela, essa reação pode se manifestar através de sintomas. Ao não falar, o adulto acredita estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e pudesse mudar magicamente a realidade. Com isso, a criança se sente confusa e desamparada, sem ter com quem falar das suas angústias.

O desenvolvimento infantil é um processo de aprendizado pelo qual as crianças passam para adquirir e aprimorar suas capacidades. Esse processo se dá através de mudanças e transformações cognitivas, físicas, sociais e emocionais que ajudam a direcionar o apoio durante o processo do luto (Gomes, 1987). Para Piaget (1974), o comportamento dos seres vivos não é inato, nem resultado de condicionamentos. Ele diz que o comportamento é construído numa interação entre o meio a qual está inserido.

Biaggio (2005) ressalta a importância da contribuição de Piaget no processo do desenvolvimento humano, mas ressalta que as idades não são rígidas, pois podem variar de acordo com a individualidade da criança. Ela cita que Piaget esquematiza esse desenvolvimento por fases. Já Torres (2002), em uma pesquisa realizada com crianças, estudou a relação do desenvolvimento juntamente com o conceito da morte, e a pesquisa do autor está ligada também aos estágios do desenvolvimento de Piaget.

É Biaggio (2005), também, que na mesma linha enfatiza a importância da estimulação ambiental na infância como processo intelectual. No estágio sensório motor (de 0 a 2 anos) ainda não há capacidade de abstração e, com isso, a atividade intelectual é de natureza sensorial e motora, a criança tem a percepção do ambiente e age sobre ele. O estágio pré-operacional (2 a 6 anos) é caracterizado pelo desenvolvimento da capacidade simbólica da criança, quando ela não depende somente das sensações e movimentos, ou seja, ela já consegue distinguir imagem, palavra ou símbolo. Nesse estágio, a criança ainda não faz distinção entre os seres inanimados e animados, com isso, não percebe a morte como definitiva e irreversível. No estágio de operações concretas (7 a 11 anos) a criança demonstra um tipo de pensamento com assimilação rica e integrada. Seu sistema cognitivo já parece

coerente, já faz a distinção entre seres inanimados e animados, mas ainda não consegue dar resposta lógica nas categorias de causalidade da morte. Busca aspectos perceptíveis como imobilidade para definir a morte e já consegue percebê-la como irreversível. No estágio das operações formais (a partir dos 12 anos) o adolescente já é capaz de compreender as relações que lhe são apresentadas, já tem a capacidade de resolver problemas a respeito de todas as relações possíveis entre eventos. Com isso, já reconhece a morte como um processo interno que implica na parada do corpo.

2.2 A FAMÍLIA NO PROCESSO DE LUTO INFANTIL

Para Ozório e Valle (2009), ao longo da vida a família vivencia mudanças naturais que geram perdas normativas em cada etapa do seu processo de nascimento, crescimento e desenvolvimento, inclusive na morte. Cada mudança ou etapa deste ciclo gera a necessidade de adaptação, alterando assim as relações com as tarefas a serem realizadas com seus membros. O assunto morte é um grande tabu na dificuldade de comunicação entre as famílias, pois, o efeito da perda é de mudança imediata e de longo prazo. Com esse efeito, a família também faz uso do pacto de silêncio, com a intenção de defender-se das emoções e sofrimentos. O autor também cita que a família estabelece uma perspectiva relacional simbiótica, identificando-se como um grupo de pessoas que interagem, dependem umas das outras e criam uma relação emocional e social coesa a partir de regras, crenças e mitos que são compartilhados. O primeiro relacionamento interpessoal com experiências é um meio para a transmissão de cultura e valores num processo de desenvolvimento. Isso mantém sua identidade através de suas histórias, incentivando mudanças e direcionando ao crescimento necessário nas diversas etapas do ciclo da vida.

Para Gomes (1987), a concepção de família envolve um sistema, interligado por vínculos, que compõem uma estrutura de relações que são essenciais e estão presentes englobando uma totalidade de estrutura dinâmica, podendo ou não se edificar. Segundo Carvalho (2011), as crianças, ao contrário que as famílias pensam, também são atingidas com danos psicológicos depois da perda, podendo ser afetadas pelo longo da vida, por isso é importante estar atento à idade da criança para saber qual o real entendimento que ela pode ter no período da perda.

Ozório e Valle (2009), também citam que a criança entende a morte com base em seu desenvolvimento cognitivo. Portanto é fundamental fornecer o maior número possível de dados reais, em linguagem adequada para cada idade, respeitando os limites da curiosidade da criança. Na maioria das vezes, a criança fica muito curiosa sobre o que está acontecendo e gostaria de participar dos rituais funerários. Além disso, deve-se respeitar esse desejo, garantindo que um adulto de sua confiança esteja ao seu lado, protegendo-a de situações constrangedoras ou assustadoras e mantendo-se disponível para responder a quaisquer perguntas.

As construções das fantasias relacionadas ao desenvolvimento e ao modo de funcionamento egóico da criança, condições circundantes ao evento da morte e da dinâmica familiar são fatores facilitadores ou dificultadores da elaboração do luto. As fantasias refletem o processo de luto da criança e suas informações permitem compreender seus sentimentos, comportamento e sintomas. Ao compreender suas fantasias e seu processo de luto, é possível ajudá-la a compreender o que está vivenciando e contribuir para o processo de superação de sua perda. (Franco; Mazorra, 2007). Para Kubler-Ross (1998) o que pode ajudar a criança a amadurecer e crescer, diante da situação da morte, seria permiti-la participar das conversas, dos medos, ou seja, de todo os rituais decorrentes da morte, pois, dessa forma, a criança vai se sentir amparada em sua dor e com isso, conseguirá vivenciar um luto compartilhado.

3 O PAPEL DA PSICOLOGIA

Mendes (2017) cita que com a ajuda de métodos e ferramentas especiais, uma vez identificado o problema que a criança enfrenta, o psicólogo desenvolve técnicas adequadas que ajudam a criança a enfrentar e administrar as situações e emoções do cotidiano com muito mais facilidade. Em geral, crianças entre 3 e 8 anos devem procurar ajuda psicológica quando são detectados distúrbios comportamentais. A autora citada ressalta que quanto mais cedo os problemas forem identificados, mais rapidamente eles poderão ser abordados e resolvidos. Existem diversas situações comportamentais em crianças que indicam distúrbios emocionais e justificam a necessidade da ajuda de um psicólogo(a), tais como, perda do prazer de brincar, tristeza ou choro repetido sem motivo aparente, isolamento contínuo, pouco foco nas atividades na escola ou em casa, atraso no desenvolvimento da fala, linguagem ou

caminhada, insônia ou sono muito frequente, aumento ou diminuição da fome ou a sede, desejo de retornar aos velhos hábitos, como usar chupeta ou fazer xixi na cama, dores repetidas, embora os exames não mostrem nada de errado, agressão e apatia.

O manejo terapêutico é complicado e difícil para lidar com o luto em famílias que têm filhos, pois há preconceito sobre a fragilidade da criança em relação à morte e o desejo da família de não permitir que uma criança sofra. Como resultado, as famílias se afastam dos fatos reais para evitar uma experiência de morte, o que dificulta a elaboração de seu luto individual. Muitas vezes, há mentiras e segredos sobre a morte, o que leva a expectativas falsas para uma criança. Isso ocorre porque falar sobre a morte a uma criança é, muitas vezes, admitir a perda de si mesmo (Ozório; Valle, 2009).

Para Carvalho (2011), o que torna difícil o entendimento da morte para a criança é o fato de os adultos ocultarem e, com isso, não permitirem a participação da criança junto com a família quando ocorre uma morte na mesma. Nas situações decorrentes de perda por mortes dolorosas o enfrentamento da criança envolve e, muitas vezes, necessita da ajuda de um profissional da psicologia, enquanto medida assertiva, tendo em vista que a criança está vivenciando um fardo do adulto. Torres (2002) descreve que, para a criança, a morte não significa apenas um desafio no seu desenvolvimento psíquico de pensamentos e sim um desafio afetivo. Com base nisso, é necessário levar em consideração e analisar as reações emocionais que a criança apresenta diante da morte.

De acordo com Kovács (1992), a psicologia é a ciência que lida diariamente com o ser humano e suas vidas, portanto, a morte está diretamente interligada, tornando, assim, o assunto relevante. Sengik e Ramos (2013) afirmam que a intervenção psicológica vai permitir que a criança fale de seus medos, sentimentos e angústias e, ao se expressar, sejam possibilitadas respostas às suas variadas perguntas, facilitando, assim, a elaboração do conceito da morte.

Para Torres (2002), não existe uma receita, uma forma, nem um modelo específico para abordar a morte com a criança, a autora orienta que se deve falar de forma clara, objetiva e esclarecedora, usando um tom natural, com linguagem própria para criança. É preciso ouvir o que ela tem a dizer na sua totalidade e estar atento para as dúvidas que possam surgir e o que está por trás delas.

Estas reflexões e constatações direcionadas às verbalizações das crianças são frutos de suas vivências individuais e partilhadas e vão confirmar a capacidade de reflexão e expressão diante dos acontecimentos que as rodeiam. Isso significa e demonstra a importância da escuta e a valorização dos seus sentimentos (Carvalho, 2011).

A comunicação é única entre o profissional da psicologia e a criança, pois as manifestações e acontecimentos são realizados de forma lúdica. A criança, através desse contexto, consegue acessar seu sofrimento, uma vez que a família não dá a oportunidade dela se expressar, seja por dificuldade em também lidar com o assunto, ou mesmo pela falta de conhecimento em achar que, ao esconder, a criança ficará protegida do sofrimento (Sengik; Ramos, 2013). A expressão dos sentimentos revela que a vivência da terminalidade é uma realidade complicada e difícil de ser enfrentada, e isso proporciona um espaço para que a criança e seus cuidadores compartilhem o sofrimento, o que não deve ser evitado, pois ambos devem ser acolhidos e apoiados nesta jornada difícil (Pampolha, 2013).

Incluir a família no contexto da elaboração do luto faz parte do trabalho psicológico, pois, geralmente, as dificuldades enfrentadas pela criança nesse processo se esbarram na forma com que a família ou adultos lidam com a perda e como eles se organizam frente à criança. Esse cuidado conjunto auxilia de forma efetiva o entendimento da criança, ajudando quem cuida dela. Trabalhar isoladamente torna o tratamento passível de erros (Gomes, 1987).

A vida consiste de várias perdas e separações e uma perda na infância pode ocasionar à criança traumas posteriores. Faz-se necessário, independentemente da idade da criança, informá-la sobre o evento, adaptando o linguajar e a complexidade da explicação ao seu nível de compreensão. Para que haja a elaboração da perda, é necessário, portanto, que a criança possa expressar e lidar com os mais diferentes sentimentos suscitados pela morte. Pode-se perceber a importância do apoio psicológico à criança que perdeu um ente querido, oferecendo-a um ambiente específico para tratar dos sentimentos, respeitando seu tempo e suas limitações, auxiliando-a a alcançar um equilíbrio emocional e promovendo a capacidade para que ela desenvolva essas competências e se torne psicologicamente mais saudável (Baú; Rocha, 2015).

O ato de ouvir possibilita a expressão. Quem sabe ouvir tem acesso ao silêncio verdadeiro. O ouvir precede o falar, e a importância do discurso se revela de forma menos intensa do que as palavras, sendo, entretanto, carregado de significados, através dos quais percebemos a verdadeira natureza do ser e o profissional da psicologia oferece apoio e acolhimento a essa escuta, juntamente com recursos que fortalecem os aspectos internos, permitindo à criança elaborar o luto, se sentir acolhida, compreendida e segura em um momento de desamparo e incerteza (Boemer, 1989).

4 O BRINCAR NA CLÍNICA DO LUTO INFANTIL

O brincar faz parte do desenvolvimento da criança na infância sendo difícil de imaginar algo que seja desconectado dessa reprodução e, com isso, na clínica com crianças, a ludoterapia ganha mais espaço em sua técnica, o que facilita o acesso ao discurso, conflitos e consciência das crianças. O brincar é entendido tanto como linguagem, quanto como recurso no trabalho psicoterapêutico infantil. Ele é como um meio de acesso, pois, ao construir através da brincadeira, a criança transmite seu mundo interior, suas experiências e relações com o meio ambiente e com as pessoas ao seu redor. Assim, é como linguagem, pois o brinquedo é um símbolo em que a criança guarda significados que talvez ainda não tenham sido compreendidos e assimilados a partir de suas experiências, os quais são trazidos para a relação terapêutica em busca dessa compreensão e desenvolvimento (Bianchi, 2019).

Através da brincadeira a criança muda suas experiências de uma forma passiva. Na experiência ativa, pode transformar a insatisfação em prazer, dando um final feliz a uma experiência inicialmente desagradável. A brincadeira na vida da criança não só ajuda a superar a dolorosa realidade, mas, ao mesmo tempo, ajuda a controlar medos e ameaças interiores, projetando-os no mundo exterior (Pinheiro, 2019).

A ludoterapia é uma terapia eficaz para ajudar crianças enlutadas, pois promove compreensão de seus sentimentos, como também do seu próprio comportamento e suas emoções. Este tipo de terapia só pode ser feito por profissionais especializados (Almeida, 2005). A utilização de instrumentos lúdicos ou a compreensão das manifestações lúdicas das crianças nos seus diferentes contextos pode ir além dos problemas clínicos, conduzindo ao estudo das manifestações e

aplicações do brincar simbólico no contexto da estimulação, da socialização infantil e da intervenção preventiva. Com o auxílio de um jogo simbólico, o psicólogo (a) pode explorar as aplicações, limitações e interfaces de utilização do material do jogo (Affonso, 2012).

O brinquedo é uma ferramenta, uma oportunidade no processo de aprender, brincar e comportar-se adequadamente diante de determinados contextos. Através do brincar a criança analisa seu comportamento e toma consciência de seus sentimentos e, a partir daí, pode mudar sua relação com o meio ambiente. Usar a fantasia e a brincadeira faz a criança encontrar padrões de comportamento alternativos, primeiro para os personagens desses jogos e depois às situações de sua vida (Baú; Rocha, 2015).

Na tarefa de brincar é possível reviver experiências difíceis. Quando a criança organiza o jogo enquadrado pela moldura, inicia-se um movimento catártico, onde as associações livres representadas pelo jogo, somadas à interpretação do psicólogo (a), permitem o refinamento das emoções vivenciadas (Affonso, 2012). O jogo oferece à criança outras riquezas, como a criatividade, pois brincar dá forma à realidade, é uma aventura, por isso, ao conhecer a criança em seu trabalho, ela é dominada por diversos sentimentos, como de poder, fracasso, tristeza, culpa e competição. Ao brincar, a criança desenvolve uma relação de transferência com o psicólogo (a), pois ela não brinca sozinha. A presença do profissional provoca mudanças no jogo, que se torna muito mais complexo pela forma de vivenciar e participar, comentar ou interpretar, e desempenha um papel muito delicado na interação entre o jogador e o jogo (Mâle, *et al.*, 1979).

Para Pereira (2014), a brincadeira traz alegria e relaxamento para a criança, o que torna o sofrimento menos incômodo. O principal objetivo da intervenção psicológica com atividades lúdicas é incentivar a criança a trazer à tona suas fantasias e ansiedades, ou seja, essas fantasias são utilizadas como uma ferramenta terapêutica, permitindo uma melhor compreensão do que está oculto e dando chance à criança de acessar suas angústias e sentimentos, criando um ajuste à sua nova realidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo, é possível concluir que o real entendimento da morte para criança vai depender de diversos fatores, como seu desenvolvimento cognitivo e as experiências familiares. O luto é vivenciado individualmente por cada criança e pode ser mais ou menos disfuncional, dependendo da intensidade, dos sentimentos, da conexão e do ambiente ocorrido. A sua duração pode ser longa ou curta, pode ocorrer em um determinado período de tempo ou não, e sua intensidade também pode variar, pois, depende da idade, cultura e contexto familiar nos quais a criança está inserida (Ramos, 2016).

O papel da psicologia é ajudar a criança enlutada a navegar pelos estágios do luto, para que a mesma tome consciência de suas capacidades interiores e passe a entender e compreender a perda, ou seja, a intervenção da psicologia é uma ferramenta eficaz para amenizar a experiência do luto. Com isso, percebe-se a importância da intervenção psicológica, pois ela permite e possibilita a criança a manifestar suas angústias das mais variadas formas. A partir da compreensão dos sentimentos das crianças enlutadas, é possível mostrar e orientar as famílias sobre a necessidade do diálogo acerca dessas questões e sobre a necessidade de se buscar ajuda aos profissionais da psicologia para que a intervenção junto à criança seja feita de maneira efetiva nesse momento tão delicado (Silva, 2022).

Portanto, a conclusão ressalta a importância do apoio psicológico a criança e a família, destacando o papel do brincar na clínica, como uma ferramenta eficaz de expressar emoções para aliviar a experiência do luto em crianças, promovendo assim um processo de enfrentamento mais saudável e construtivo diante da perda.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, Rosa Maria Lopes. **Ludodiagnóstico**: Investigação clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed, 2012.

AGUIAR, Raissa Souza. **Cartilha de orientações sobre luto para profissionais da saúde**. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP.: [s. n.], 2022. 40 p. Disponível em: <https://www.fmrp.usp.br/wp-content/uploads/sites/356/2022/03/Cartilha-de-Suporte-ao-Luto.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no hospital. **Boletim de psicologia**, São Paulo, v. 55, n. 123, p. 149-167, dez. 2005. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 set. 2023.

BIAGGIO, Ângela M. Brasil. **Psicologia do desenvolvimento**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BAÚ, Jordana Mena Barreto; ROCHA, Marilise Vanusa. A ludoterapia no processo do luto infantil: um estudo de caso. **Pesquisa em Psicologia - anais eletrônicos**, [S. l.], 2015. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/8555. Acesso em: 25 set. 2023.

BIANCHI, Daniela Pupo Barbosa et al. Possibilidades da Clínica Gestáltica no Atendimento de Crianças Enlutadas. **Estudo de pesquisa e psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. spe, p. 1018-1035, dez. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000400011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 set. 2023.

BOEMER, M.R. **A morte e o morrer**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1989.

BOWLBY, John. **Apego e perda: tristeza e depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

BOWLBY, John. **Separação: Angústia e raiva**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

CARVALHO, Maria Augusta Freitas Ribeiro de. **O Luto na Criança: perspectivas sociológicas da perda na criança**. Orientador: Professor Doutor Manuel Jacinto Sarmiento e da Professora Doutora Clara Oliveira Costa. 2011. 311 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado) em Sociologia da Infância - Universidade do Minho Instituto de Educação, [S. l.], 2011. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13620/1/Maria%20Augusta%20Freitas%20Ribeiro%20de%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2023.

D'ASSUNÇÃO, Evaldo Alves. **Os que partem, os que ficam**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

FRANCO, M H P; MAZORRA, L. Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia. (Campinas)**, v.24, n.4, p.503-511, out.2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yhbQfWtKqLhF7g5m8pyjP4G/?lang=pt#>. Acesso em: 23 abr.2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
GOMES, José Carlos Vitor. **Manual de psicoterapia familiar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MÂLE, Pierre; DOUMIC-GIRARD, Alice; BENHAMOU, Françoise; SCHOTT, Marie-Claude. **Psicoterapia da primeira infância: da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MARCELLI, D. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MENDES, Priscilla. A partir de quantos anos posso levar o meu filho ao psicólogo? **Psicólogo e terapia**. São Paulo, 17 de set 2017. Disponível em: <https://www.psicologoeterapia.com.br/blog/psicologo-a-partir-de-quantos-anos-posso-levar-meu-filho/>. Acesso em: 27 set. 2023.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

OZÓRIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Pasqual do. **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAMPOLHA, Simone dos Santos Abraão. **Criança não deveria morrer: significados atribuídos por profissionais de saúde ao paliar crianças em iminência de morte**. 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5135>. Acesso em: 28 set. 2023.

PARAÍZO, Marcos Kopeska. **Quando vai passar?** Curitiba: A.D. Santos, 2009.
PEREIRA, Lucienne Dias. **A representação da morte para a criança**. Orientador: Prof.^a. Ms. Maria Ângela das Graças Santana de Jesus. 2014. 47 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Centro Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

PINHEIRO, Amanda França Vidal. **Vamos brincar: O desvendar da criança através do lúdico**. 2019. 15 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - UNILEÃO centro universitário, Juazeiro Do Norte, 2019. Disponível em: <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1231.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O Processo do luto. **Psicologia PT** : O portal do psicólogo, [s. l.], 25 set. 2016. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?o-processo-de-luto&codigo=A1021. Acesso em: 14 set. 2023.

SENGIK, A.S; RAMOS, F.B. Concepção da morte na infância. **Psicologia & sociedade**, v.25, n.2, p.379-387, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dpNgmLwyLTmYqHG4T3zByj/?lang=pt#>. Acesso em: 30 abr.2023.

SILVA, Any Caroline Lopes da. **O luto e a criança: uma revisão da literatura acerca dessa experiência na infância**. Orientador: Prof. Dr. Hélio José Santos Maia. 2022.37

p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32615/1/2022_AnyCarolineLopesDaSilva_tcc.pdf. Acesso em: 22 maio 2023.

TORRES, W. da C. O Conceito de Morte em Crianças Portadoras de Doenças Crônicas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.18. n.2, p. 221-229, maio 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/cLpYxgSt95hnYWNcLvjHrdb/?lang=pt#>. Acesso em: 30 abr.20